

## Ulisses e Nausícaa ou o Desencontro do Amor

Para muitos leitores da poesia homérica, o episódio em que a jovem princesa Nausícaa depara com Ulisses nu e empastado de sal numa praia da paradisíaca ilha de Esquéria é dos mais impressionantes de toda a *Odisseia*; e belíssimo testemunho temos nós, na poesia portuguesa, do encanto provocado por este encontro em poetas tão importantes como Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, Fíama Hasse Pais Brandão, Vasco Graça Moura e Manuel Alegre. É um momento único de amor e amizade, de simpatia e de *coup-de-foudre*. No entanto, como sucede sempre com a *Odisseia*, muitos são os problemas que estão latentes sob a superfície da esplendorosa textura poética. A minha intenção hoje é de regressar a este delicioso desencontro amoroso para vos dar conta de alguns desses problemas.

À partida, um motivo óbvio de estranheza decorre da circunstância de, nos Cantos VI-VIII da *Odisseia* (aqueles que nos descrevem a sociedade dos Feaces), nos surgirem em paralelo dois tempos históricos: por um lado, temos um herói que participou no saque de Tróia, um acontecimento histórico que terá ocorrido por volta de 1200 a.C.; por outro, esse mesmo herói chega dez anos depois a uma sociedade grega cujos contornos delineados pelo poeta a situam por volta de 750 a.C. É que, na Esquéria descrita pelo poeta da *Odisseia*, estamos em plena época das colonizações gregas; e os versos sobre a fundação da cidade por Nausítoo “descrevem precisamente as incum-

bênças que cabiam ao fundador de uma colônia grega no séc. VIII” (Garvie 1994: 83):

*Em torno da cidade construíra um muro; edificara casas,  
templos dos deuses e procedera à divisão das terras. [VI, 9-10]*

Aliás, 734 a.C. é a data apresentada por Estrabão (6.2.4) para a fundação grega da ilha mais frequentemente apontada como modelo da Esquéria, ilha essa cujo nome moderno é Corfu. Dado que a identificação remonta a Tucídides (1.24.4), poder-se-á perguntar se esta identificação terá alguma base de verosimilhança. O problema é que, na *Odisséia*, raramente os locais míticos referidos na narrativa são passíveis de serem indicados num mapa moderno, mesmo quando os topónimos homéricos correspondem aos topónimos actuais (basta dizer que, até em relação à própria Ítaca, não foi ainda possível provar com toda a certeza que a ilha apelidada de “Ítaca” por Homero é a Ítaca que podemos visitar hoje em qualquer cruzeiro às ilhas do Mar Jónico). Corfu apresenta, antes de mais, a desvantagem de não corresponder à descrição que Homero faz de Esquéria: quando Nausícaa afirma “longe habitamos, remotos, no mar repleto de ondas; / não há outros povos que conosco tenham associação” (VI, 204-5), é óbvio que estas palavras não se aplicam a Corfu. Que a identificação de Tucídides não convenceu os estudiosos modernos vê-se logo pela circunstância de Esquéria ter sido mais recentemente, e de modo estapafúrdio, identificada com Ischia, Cádiz, Sicília, Palestina, Tunísia, Creta, Canárias e Chipre<sup>1</sup>. Pela minha parte, localizo de preferência a ilha de Esquéria na imaginação do poeta, como me parecem provar os belos versos sobre o pomar de Alcínoo (VII, 112-121) – pomar utópico cuja existência empírica é negada tanto pela Geografia como pela Botânica:

*Fora do pátio, começando junto às portas, estendia-se  
o enorme pomar, com uma sebe de cada um dos lados.  
Nele crescem altas árvores, muito frondosas,  
pereiras, romãzeiras e macieiras de frutos brilhantes;  
figueiras que davam figos doces e viçosas oliveiras.*

---

<sup>1</sup> Cf. R. D. Dawe (1993: 251). Aproveito para registar mais uma vez a enorme gratidão que sinto em relação ao Dr. Roger Dawe (Trinity College, Cambridge) no estudo da poesia homérica.

*Destas árvores não murcha o fruto, nem deixa de crescer  
no inverno nem no verão, mas dura todo o ano.  
Continuamente o Zéfiro faz crescer uns, amadurecendo outros.  
A pêra amadurece sobre outra pêra; a maçã sobre outra maçã;  
cacho de uvas sobre outro cacho; figo sobre figo.*

Um segundo motivo de estranheza no episódio de Nausícaa é o próprio nome da princesa dos Feaces. Nausicasta (cf. Jocasta) ou Nausicaia (cf. Aglaia) seriam formações morfológicas muito mais consentâneas com a antroponímia grega, mas ambas apresentam o problema de as sílabas que as compõem não serem adaptáveis ao verso homérico, dada a sequência inicial longa/breve/longa. Temos de admitir a hipótese de “Nausícaa” (longa/breve/breve/longa) ser uma adaptação *ad hoc* de um destes nomes, de modo a facilitar a sua inclusão no hexâmetro dactílico. De qualquer forma, a ligação à palavra “nau” é clara e bem característica da antroponímia deste povo marítimo: não só o fundador de Esquéria se chamou Nausítoos (onde encontramos as palavras “nau” e “célere”) como o catálogo de mancebos no Canto VIII (vv. 111-16) nos oferece um rol – a roçar o cómico, diga-se de passagem – de nomes retintamente náuticos. É curioso, no entanto, que o rei e a rainha (Alcínoo e Arete, pais de Nausícaa) fujam à antroponímia própria do povo do qual são regentes. Mas o poeta parece querer imbuí-los de uma aura excepcional, a que não será estranho o facto de serem parentes próximos, não se percebendo bem, contudo, se o parentesco é de irmão e irmã ou de tio e sobrinha (cf. a genealogia apresentada em VII, 53-66).

De algum modo, o problema da consanguinidade da família real em particular e dos Feaces em geral é algo que está latente em todo o episódio de Nausícaa: por um lado, o poeta frisa de diversas maneiras a nubilidadade da princesa; mas, por outro, Nausícaa não quer casar com nenhum dos pretendentes da ilha – como se os conterrâneos-parentes constituíssem apenas uma espécie de último recurso. É aqui que adquire especial relevância o tema (típico do conto popular) do estrangeiro que vem de longe e se candidata à mão da princesa mediante uma prova de qualquer tipo, dado que um noivo estrangeiro representaria, nesta sociedade apartada do contacto com outros povos, uma injeção bem-vinda de sangue novo. É por isso que, mal vê Ulisses lavado e bem vestido, Nausícaa declara logo às servas que gostaria de casar com ele (VI, 244-5); e também Alcínoo afirma,

poucos minutos depois de o conhecer, que queria ter Ulisses como género (VII, 311-5).

Contudo, não é de acordo com a grelha do conto popular da “prova de acesso à mão da princesa” que se desenrola, na *Odisseia*, o episódio de Nausícaa, embora dessa grelha penetrem, em dados momentos, sensíveis ressonâncias: caso evidente é o episódio dos jogos dos Feaces no Canto VIII, no decurso dos quais afloram tensões (algo superficialmente esboçadas, a meu ver) entre Ulisses e um mancebo que, de acordo com a grelha folclórica, seria seu “rival”. Mas Ulisses já não é nenhum jovem (é tratado por “pai estrangeiro” pelos jovens da idade de Nausícaa – cf. VIII, 145, 408), tem mulher e filho e acaba de chegar de uma ilha onde Calipso lhe prometera a imortalidade se ele aceitasse o convite de lá ficar como seu marido. A bem dizer, o encontro com Nausícaa não poderia ter acontecido em pior altura no que toca aos fervilhantes impulsos nupciais da princesa, visto que, no Canto V, o facto de Ulisses não estar propriamente esfomeado em termos sexuais é salientado mais de uma vez: dir-se-ia mesmo que o poeta no-lo apresenta enfasiado de sexo, um pouco como mais tarde Wagner descreverá Tannhäuser saturado de sensualidade no antro de Vénus. Paradoxalmente, no entanto, é recorrendo à imagética e simbologia do leão faminto que Homero põe Ulisses diante de Nausícaa, num símile em que a voracidade da fera adquire óbvios cambiantes de violência sexual (VI, 127-140):

*Assim falando, saiu dos arvoredos o divino Ulisses.  
Com sua mão possante quebrou um ramo cheio de folhas  
para segurar junto ao corpo e assim tapar os membros genitais.  
Saiu como um leão criado na montanha, confiante na sua pujança,  
cujos olhos fulminam apesar da chuva e do vento, e que se mete  
entre vacas ou ovelhas ou corças selvagens, pois assim a fome  
lhe manda, a ponto de chegar ao redil e atacar os rebanhos –  
assim se preparava Ulisses para irromper no meio das donzelas  
de lindos cabelos, apesar de estar nu. Sobreviera a necessidade.  
Mas aos olhos delas, horrível era o seu aspecto, empastado de sal;  
e fugiram todas, cada uma para seu lado, ao longo das dunas.  
Só a filha de Alcínoo permaneceu: pois em seu peito  
pusera Atena a coragem; dos seus membros tirara o receio.*

Apesar de alguns problemas levantados pelos versos citados (e a que voltaremos mais adiante), trata-se aqui de um momento único, na sua “teatralidade” sortilêga, em toda a epopeia homérica:

apavoradas, as servas fogem cada uma para seu lado, ficando a princesa na praia frente a frente com um homem nu, cujo aspecto, apesar de “horível” e “empastado de sal”, a toca de modo estranho, de tal forma que ali fica imóvel, embatucada mas curiosa – reação que, em conformidade com os códigos linguísticos do poeta homérico (condicionados por expressões convencionais no que toca à verbalização dos processos da psique), só é compreensível se assacada à “coragem” outorgada por Atena<sup>2</sup>.

Roupas e nudez são, de resto, os móveis essenciais deste encontro. Ulisses partira da ilha de Ogígia vestido com as roupas que lhe oferecera Calipso. Simbolicamente, estas roupas com que o vestira a deusa sufocante colocam-no em risco de afogamento, pelo que tem de as despir, atirando-as ao mar. Ao poeta coloca-se em seguida o problema de como voltar a vestir Ulisses, uma vez que não seria verosímil nem decoroso que ele surgisse nu no palácio do rei Alcínoo. É desta necessidade que nasce a figura de Nausícaa.

Na verdade, a sua intervenção na narrativa da *Odisseia* limita-se ao empréstimo de roupas a Ulisses<sup>3</sup>; não é a donzela que tem poder ou capacidade para resolver os problemas do naufrago; se, de facto, é ela quem lhe indica o caminho até à cidade na nossa *Odisseia*, logo o Canto VII, com a aparição de Atena disfarçada de rapariga a dar as mesmíssimas informações, desfaz esse papel “actancial” de Nausícaa por meio do rasto, que nos deixa vislumbrar, de uma *Odisseia* sem princesa dos Feaces. No fundo, se Ulisses tivesse aportado a Esquéria vestido e não existisse Nausícaa, tirando o Canto VI tudo se teria desenrolado mais ou menos da mesma maneira. A aparição de Nausícaa no Canto VIII (vv. 457-69), por exemplo, para se despedir de Ulisses mais de 2300 versos antes de ele partir, opera no leitor uma forte impressão de acrescento extemporâneo, para equilibrar um pouco uma *Odisseia* já (magnificamente) embelezada com o encantador episódio “Nausícaa na praia”.

---

<sup>2</sup> Cf. as palavras de Dawe (1993: 253) a propósito do sonho de Nausícaa, em que Atena aparece para lhe pôr na cabeça a ideia de ir ao rio lavar a roupa: “estes versos levantam de novo, e de modo mais interessante do que o habitual, a seguinte questão: até que ponto não serão as actividades de Atena simples convenção literária para exprimir os pensamentos e ideias do indivíduo humano?”.

<sup>3</sup> Nausícaa também oferece comida e bebida a Ulisses, embora o apetite desmesurado com que Ulisses come no Canto VII dificilmente se concilie com o piquenique na praia do Canto VI. Cf. Dawe (1993: 290-1).

A necessidade diegética de ter alguém na praia para dar roupas a Ulisses acarreta algumas deliciosas inverosimilhanças, que – escusado será dizê-lo – fazem parte integrante do encanto do episódio de Nausícaa. A própria ideia de uma princesa-lavadeira não se enquadra especialmente bem no mundo da realeza homérica<sup>4</sup>. Os “gloriosos trabalhos” tantas vezes referidos a propósito dos labores femininos reportam-se essencialmente à fiação e tecelagem de lã; e aqui princesas e rainhas (pense-se em Andrómaca na *Iliada* ou Penélope na *Odisseia*) têm um papel importante a desempenhar, pois são elas que coordenam os trabalhos das servas. A mãe de Nausícaa está, logo de madrugada, sentada à lareira a fiar lã (cf. VI, 52). Ao fim da tarde ainda estará, segundo a previsão da filha, sentada no mesmo sítio a trabalhar (v. 305). Se fiação e tecelagem fazem indubitavelmente parte das ocupações das senhoras homéricas, lavar roupa não deixa de parecer tarefa exótica para uma princesa, tanto mais que não é só a roupa própria que está aqui em causa (a qual Nausícaa não tem o hábito de lavar, cf. vv. 25-6), mas a roupa dos parentes masculinos, pai e irmãos – expediente óbvio, diremos nós, para assegurar a presença na praia de vestes não-femininas para o nosso herói poder vestir. Por outro lado, se, na sociedade dos Feaces idealizada pelo poeta, as princesas participam activamente na tarefa de lavar a roupa, a incúria de Nausícaa adquire adicionais foros de caracterização (maria-rapaz ou, de acordo com os códigos do poeta, “Ártemis”), no sentido em que tal despreocupação relativamente à indumentária a destaca dos hábitos civilizados dos Feaces, retratados pelo próprio rei do seguinte modo (VIII, 248-9):

*A nós sempre é caro o festim, assim como a lira, as danças,  
as mudas de roupa, os banhos quentes e a cama.*

Esta atitude independente, patenteada pelo Canto VI, em questões de mundividência vê-se também ao nível da poesia. Em vez do lugar-comum para descrever o surgir da Aurora (“Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róscos dedos”, que aparece uma vintena de vezes na *Odisseia*), o dia especial em que Ulisses e Nausícaa se encontram na praia é anunciado por meio de um verso inteiramente original (v. 48). Outro toque de originalidade surge no v. 65 (“é nestas

<sup>4</sup> Cf. as observações de Hainsworth em Heubeck, West & Hainsworth (1988: 295-6).

coisas todas que tenho de pensar”). O que Nausícaa diz literalmente é “estas coisas todas são preocupação para a minha mente”, sendo que a palavra grega que traduzi por “mente” está no dativo do singular, quando na expressão análoga mais comum (I, 151; XIII, 362) a palavra aparece no dativo do plural. Aliás, não só temos neste verso a única ocorrência na poesia homérica do dativo do singular de *phren* (“mente”), como o próprio hemistíquio, não obstante o seu “aroma” formulaico, é também único.

O verso remata de forma magistral o pedido que Nausícaa dirige ao pai (vv. 57-65), no sentido de este lhe ceder um carro de mulas para se deslocar até aos lavadouros no rio. Magistral pela delicadeza na caracterização psicológica, pelo estonteante virtuosismo técnico e pela maravilhosa inspiração poética, qualidades que permitem ao poeta vestir com a roupagem do hexâmetro heróico as frases e as emoções de uma jovem rapariga, estimulada por um sonho misterioso a sentir uma estranha expectativa relativamente a “núpcias que ainda estavam a despontar” (v. 67). Núpcias que Nausícaa não menciona, por pudor, na presença do pai: mas o simples facto de uma filha que habitualmente não liga à roupa (vv. 25-6) querer empreender uma expedição desta natureza para uma zona da ilha que ainda fica a grande distância (v. 40), ainda para mais “oferecendo-se para lavar também a roupa de outros é sinal claro de que alguma coisa cheira a esturro: o rei não se deixa enganar” (Dawe 1993: 255).

Se o móbil diegético das roupas se nos afigura eivado de subtis contradições internas, o que se passa em torno da nudez de Ulisses levanta contradições que, longe de se nos afigurarem subtis, avultam em vez disso flagrantes. No episódio de Nausícaa, em jeito de excepção absoluta na epopeia homérica, há um homem que se recusa, por vergonha, a ser lavado por uma mulher. Que isto é excepcional vê-se pelos seguintes exemplos: no Canto III, a princesa Policaste dá banho a Telémaco e esfrega-o depois com azeite (vv. 464-6); no Canto IV, há o relato de como Helena deu banho a Ulisses em Tróia (v. 252); no Canto V, Calipso dá banho a Ulisses (v. 264); no Canto VIII, Ulisses é banhado por servas de Alcínoo, quiçá as mesmas que agora proíbe de se aproximarem da sua nudez (v. 454); no Canto X é banhado por Circe (v. 361); no Canto XXIII pela serva Eurínome (v. 154).

Mais estranho ainda é que o mesmo Ulisses, que aqui tem vergonha de aparecer nu à frente de Nausícaa e se envergonha de ser

banhado pelas servas, declara no Canto VII (v. 296) ao próprio pai da princesa (!) que foi Nausícaa quem lhe deu banho no rio<sup>5</sup>.

Poderá este facto sugerir que o episódio de Nausícaa pertence a uma vindima relativamente recente no longo processo que foi a evolução da poesia épica grega? É que testemunhos arqueológicos demonstram ter sido normal, na época micénica (a que se reportam os enredos da *Iliada* e da *Odisseia*), uma mulher dar banho a um homem: há uma *terracotta* de Chipre que representa justamente essa imagem (cf. Severyns 1945: 19). Na época arcaica, porém, poderá ter-se instaurado um pouco mais de pudor no que diz respeito ao contacto entre a nudez masculina e a visão feminina: basta dizer que qualquer mulher apanhada nessa chusma de homens nus que eram os Jogos Olímpicos era atirada de um precipício abaixo.

Esta incoerência na *Odisseia* quanto à nudez de Ulisses não obteve ainda racionalização satisfatória na bibliografia especializada, como se pode ver pelos citados comentários de Dawe, Hainsworth e Garvie<sup>6</sup>. Podemos dizer, tão-somente, que se a exploração atípica da nudez de Ulisses no Canto VI é de urdidura recente, não deixa de ser testemunho da genialidade do poeta, por razões que, a meu ver, a poesia explicará melhor que a filologia.

Após o momento mágico em que Nausícaa e Ulisses se encontram frente a frente, o herói delibera interiormente se deverá ou não agarrar a donzela pelos joelhos, como manda a géstica própria do suplicante. Mas depois (vv. 145-8):

*enquanto pensava foi isto que lhe pareceu mais proveitoso:  
suplicar-lhe do sítio onde estava com doces palavras, com medo  
de que ao agarrar-lhe os joelhos o coração da jovem se zangasse.  
De imediato proferiu um discurso doce, mas proveitoso.*

Embora haja outras referências homéricas a discursos doces, a ideia de um *mûthos* proveitoso surge só aqui em Homero. E será justamente neste discurso “doce mas proveitoso” que surgirá “uma palmeira chamada Nausícaa”, para citar Sophia de Mello Breyner Andresen (“Em Hydra, Evocando Fernando Pessoa”, no livro *Dual*).

<sup>5</sup> É difícil perceber por que razão G. Danek (1998: 139) considera que esta mentira “serve para salvaguardar com tacto o comportamento de Nausícaa”.

<sup>6</sup> Um caso especial de banalidade inútil é, como sucede amiúde, o comentário de Jong (2001:163).

Antes de mais, convém frisar que o discurso em si é, quanto ao conteúdo, um portento de construção retórica. Com incomparável subtileza, Ulisses consegue nestes 35 versos arrogar-se um estatuto aristocrático (v. 164), projectar uma imagem de pia religiosidade (v. 170), insinuar capacidades de excepcional astúcia (v. 178) e paten-tear desarmante clarividência (v. 180)<sup>7</sup>.

Atentemos agora nos famosos versos referentes à palmeira de Delos (vv. 162-7):

*Outrora vi junto do altar de Apolo em Delos  
o novo rebento de uma palmeira que se erguia no ar  
(pois aí me dirigira, e comigo seguiam muitos outros,  
num caminho em que desgraças seriam o meu destino):  
igualmente ao ver a palmeira se me alegrou o coração,  
porque nunca vira a sair da terra uma árvore semelhante.*

A forte impressão de originalidade desta comparação surpreendente reflecte o facto de ser esta a única palmeira da *Iliada* e da *Odisseia*, o que não deixa de ser curioso, porque, embora a árvore não seja originária da Grécia, já aparece mencionada nas tabuinhas micénicas em Linear B<sup>8</sup>. Com base na imagética presente na cerâmica ática de figuras vermelhas, foi apresentada a interpretação de que a carga simbólica desta palmeira solitária na poesia homérica deriva da associação a Ártemis e da protecção concedida pela deusa às jovens que, como a princesa dos Feaces, se encontram no momento de charneira entre a virgindade e as núpcias prestes a “despontar” (para citarmos a própria Nausícaa)<sup>9</sup>. Será só isso? É que a estranheza causada pelo facto de a palavra grega para “árvore” no v. 167 ser, a título absolutamente excepcional, a mesma palavra que significa “lança” acrescenta à figura de Nausícaa algo de fálico e masculino.

Mas não é só a palmeira que é ocorrência única em Homero. Do mesmo modo, só aqui se menciona, em toda a poesia homérica, a ilha de Delos, lugar sagrado na Antiguidade Clássica por ter sido junto a uma palmeira nessa ilha que, segundo a tradição mitológica, Leto deu à luz Apolo e Ártemis. Juntamente com Delfos, Delos era o principal santuário apolíneo do mundo antigo e ainda hoje se depara

<sup>7</sup> Cf. Heubeck, West & Hainsworth 1988: 303.

<sup>8</sup> Cf. Heubeck, West & Hainsworth 1988: 304.

<sup>9</sup> C. Sourvinou-Inwood (1991: 127).

ao visitante que lá se dirige para se deslumbrar com as ruínas um cenário de inexcelsível beleza, onde não falta, no local onde Apolo e Ártemis nasceram, uma viçosa palmeira – tal como acontecia no tempo de Cícero (*Das Leis* 1.1).

Saborosa é a coincidência de, segundo certa opinião, não terem sido só Apolo e Ártemis a nascerem na ilha de Delos. De acordo com a tese defendida por Webster (1958: 267-72), também a própria *Odisseia* “nasceu” na ilha de Apolo, tendo sido especialmente criada (no entender do helenista britânico) para o festival jónico que se celebrava nessa ilha e de que o *Hino Homérico a Apolo Dêlio* nos dá eloquente testemunho (vv. 146-50):

*Mas é em Delos, ó Febo, que mais delectas o teu espírito.  
É aí que se reúnem os Iónios de túnica a arrastar,  
com seus filhos e suas castas esposas.  
Pensando em ti é que se delectam no pugilato, na dança  
e no canto, quando organizam competições<sup>10</sup>.*

A tese de Webster não é mais ou menos verosímil que qualquer outra, uma vez que, no que toca a determinar ao certo como e quando a *Odisseia* foi composta, todas as teses são igualmente inverosímeis. Digamos que esta tem acima de tudo valor “sentimental”. Mas por outro lado, temos de reconhecer que é a única tese sobre a ocasião em que terá sido composta a *Odisseia* que nós conhecemos a encontrar tremeluzente abono em fonte mais ou menos contemporânea: no próprio texto do *Hino Homérico a Apolo Dêlio*. É que, na figura do aedo cego na ilha dos Feaces que canta perante Ulisses as façanhas de Ulisses, não é difícil vermos a projecção de um modelo possível de “Homero”, justamente o que nos surge no final do Hino (vv. 169-73). Para citar novamente a tradução da Doutora Rocha Pereira,

*“Donzelas, para vós qual é o mais doce dos aedos,  
dos que andam por aqui, e com o qual é que mais vos delectais?”  
E vós todas, sem faltar uma, respondereis a meu respeito:  
“É um homem cego, que mora na alcantilada Quios,  
aquele cujos cantos terão, de futuro, toda a primazia.”*

<sup>10</sup> Tradução de Rocha Pereira (2003: 116).